

ENTRE O TEMPO E O ESPAÇO ESCOLAR: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL
BETWEEN SCHOOL TIME AND SPACE: CHALLENGES OF INTEGRAL EDUCATION

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.035-061>

Maria Luciana Constantino

Especialização em Psicopedagogia - Faculdade Fizo

E-mail: luciana35constantino@gmail.com

Markélia de França Silva Batista

Especialização em Gestão Educacional - FAE

E-mail: markyfs_2004@hotmail.com

Cláudia Cristiana Mendes

Especialização em Educação Especial e Inclusiva - FAVENI

E-mail: claudia-cristiana.santos@edu.mt.gov.br

Carla Adriana da Silva Martins Struck

Especialização em Educação Infantil e Psicopedagogia Clínica e Institucional

E-mail: carlamstruck@gmail.com

Fabio José Antonio da Silva

Doutorado em Educação Física – Universidade Estadual de Londrina

E-mail: fjas81@hotmail.com

RESUMO

Este artigo discute os desafios da educação integral a partir da relação entre tempo e espaço escolar. A proposta de ampliação da jornada educativa não deve ser entendida apenas como aumento de horas em sala de aula, mas como oportunidade de diversificação de experiências formativas que contemplem dimensões cognitivas, culturais, sociais e afetivas. O tempo escolar é analisado como recurso pedagógico estratégico, capaz de promover aprendizagens significativas quando articulado a práticas inovadoras. O espaço escolar, por sua vez, é compreendido como território vivo que ultrapassa os limites físicos da sala de aula, integrando comunidade, cultura e diferentes ambientes de aprendizagem. A reflexão aponta que a efetivação da educação integral depende de políticas públicas consistentes, infraestrutura adequada e mudança de mentalidade, de modo que a escola se torne espaço plural e democrático, capaz de formar cidadãos críticos e participativos.

Palavras-chave: Educação integral; Tempo escolar; Espaço escolar; Políticas públicas; Formação cidadã.

ABSTRACT

This article discusses the challenges of integral education through the relationship between school time and space. The proposal to extend the educational journey should not be understood merely as an increase in classroom hours, but as an opportunity to diversify formative experiences that encompass cognitive, cultural, social, and emotional dimensions. School time is analyzed as a strategic pedagogical resource, capable of promoting meaningful learning when articulated with innovative practices. School space, in turn, is conceived as a living territory that goes beyond the physical boundaries of the classroom, integrating community, culture, and different learning environments. The reflection highlights that the effectiveness of integral education depends on consistent public policies, adequate infrastructure, and a shift in mindset, so that schools become plural and democratic spaces capable of forming critical and participatory citizens.

Keywords: Integral education; School time; School space; Public policies; Citizenship formation.

1 INTRODUÇÃO

A educação integral tem se consolidado como uma proposta pedagógica que busca ampliar as oportunidades de aprendizagem, considerando o estudante em sua totalidade, corpo, mente, emoções e relações sociais. Mais do que uma simples reorganização curricular, trata-se de uma concepção que entende a escola como espaço de formação cidadã, cultural e ética, capaz de dialogar com os múltiplos aspectos da vida contemporânea.

Historicamente, a escola foi organizada para atender às demandas de uma sociedade industrial, marcada pela fragmentação do conhecimento e pela rigidez dos tempos e espaços escolares. Nesse modelo, o estudante é visto muitas vezes como receptor passivo de conteúdos, e a aprendizagem se restringe ao domínio de disciplinas específicas. A proposta da educação integral surge como contraponto a essa lógica, defendendo uma formação que valorize não apenas o saber acadêmico, mas também as dimensões artísticas, culturais, sociais e afetivas da experiência humana.

No entanto, ao se pensar em sua implementação, emergem desafios relacionados ao tempo e ao espaço escolar. O tempo, tradicionalmente estruturado em turnos rígidos e fragmentados, precisa ser ressignificado para que a jornada ampliada não se torne apenas uma extensão cansativa da rotina, mas sim uma oportunidade de diversificação de experiências educativas. Já o espaço escolar, muitas vezes limitado às salas de aula, deve ser compreendido como território vivo, permeável às práticas culturais, sociais e comunitárias, capaz de integrar diferentes dimensões da aprendizagem.

Essas questões revelam que a educação integral não pode ser reduzida a uma fórmula administrativa ou a um simples aumento de carga horária. Ela exige reflexão sobre o papel da escola na sociedade, sobre os modos de ensinar e aprender, e sobre como tempo e espaço podem ser reorganizados para favorecer o

desenvolvimento pleno dos estudantes. Nesse sentido, discutir os desafios da educação integral é também discutir os limites e as possibilidades da própria escola como instituição formadora, capaz de se reinventar diante das demandas de um mundo em constante transformação.

2 O TEMPO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL

O tempo escolar, historicamente organizado em turnos rígidos e fragmentados, precisa ser ressignificado para atender às demandas da educação integral. A ampliação da jornada não deve se restringir ao aumento de horas em sala de aula, mas sim à diversificação de experiências educativas. Como afirmam Silva, Pinho e Santos (2018), o tempo escolar deve ser entendido como dimensão pedagógica, capaz de favorecer aprendizagens significativas quando articulado a práticas diversificadas.

Essa perspectiva rompe com a ideia de que mais tempo na escola significa necessariamente mais aprendizagem. O desafio está em transformar esse tempo em oportunidade de vivência integral, em que o estudante possa desenvolver não apenas competências cognitivas, mas também socioemocionais, culturais e físicas. Nesse sentido, a educação integral propõe que o tempo seja qualitativo, ou seja, preenchido por experiências que façam sentido para os alunos e que estejam conectadas com sua realidade social.

Exemplos práticos podem ser observados em escolas que adotam oficinas de música, teatro, dança, esportes e iniciação científica como parte da rotina diária. Nessas experiências, o tempo escolar deixa de ser apenas cronológico e passa a ser vivenciado como espaço de criação e experimentação. Colares, Jeffrey e Maciel (2018) reforçam que a educação integral deve ser compreendida como “mais que um tempo... além dos espaços”, ou seja, como uma proposta que transcende a lógica tradicional da escola e busca novas formas de organização.

Além disso, é importante destacar que o tempo ampliado deve dialogar com a comunidade e com os diferentes contextos culturais dos estudantes. Projetos que envolvem visitas a museus, participação em atividades comunitárias ou integração com programas sociais ampliam a noção de tempo escolar, tornando-o mais conectado com a vida cotidiana. Como aponta Cavaliere (2009), a educação integral só se concretiza quando o tempo escolar é pensado como oportunidade de formação cidadã, e não apenas como extensão da jornada.

Outro aspecto relevante é a necessidade de formação docente voltada para a gestão desse tempo ampliado. Professores precisam compreender que o tempo escolar não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a mediação de experiências diversificadas. Isso exige planejamento interdisciplinar e abertura para metodologias inovadoras, como projetos integradores e aprendizagem baseada em problemas. Segundo Arroyo (2012), o tempo escolar deve ser visto como espaço de construção de identidades e de valorização das culturas juvenis, o que demanda sensibilidade pedagógica e compromisso social.

Por fim, é fundamental reconhecer que a reorganização do tempo escolar implica também em políticas públicas consistentes. Sem investimento adequado, a ampliação da jornada corre o risco de se tornar apenas uma medida administrativa, sem impacto real na qualidade da educação. A experiência brasileira com programas como o **Mais Educação** evidencia tanto avanços quanto limitações, mostrando que o tempo integral só se torna efetivo quando articulado a uma proposta pedagógica clara e contextualizada (Moll, 2012).

Assim, o tempo escolar na educação integral deve ser visto como um recurso pedagógico estratégico, capaz de promover aprendizagens significativas e de contribuir para a formação integral dos estudantes. Mais do que quantidade, trata-se de qualidade: um tempo que educa, que forma e que transforma.

3 O ESPAÇO ESCOLAR E SEUS DESAFIO

O espaço escolar, tradicionalmente limitado às salas de aula, precisa ser ressignificado para atender às demandas da educação integral. A escola deve ser compreendida como território educativo que se expande para bibliotecas, laboratórios, quadras, áreas externas e até mesmo para a comunidade. Essa ampliação espacial favorece a integração entre saberes formais e informais, aproximando o estudante da realidade social e cultural em que está inserido. Spaolonzi Queiroz e Ferreira da Silva (2018) destacam que a educação integral, como política pública, ainda enfrenta disparidades conceituais sobre tempo e espaço, o que dificulta sua consolidação.

Um dos principais desafios é a infraestrutura. Muitas escolas brasileiras não possuem espaços adequados para desenvolver atividades diversificadas, o que limita a efetividade da proposta. Segundo Cavaliere (2009), a educação integral só se concretiza quando há condições materiais que permitam a vivência de múltiplas experiências, como práticas esportivas, culturais e científicas. Sem esses recursos, o espaço escolar permanece restrito e incapaz de cumprir sua função ampliada.

Outro aspecto relevante é a abertura da escola para a comunidade. Experiências bem-sucedidas mostram que a utilização de espaços externos, como centros culturais, praças e organizações sociais, pode enriquecer o processo educativo. Essa integração fortalece o vínculo entre escola e sociedade, tornando o espaço escolar mais dinâmico e conectado com a realidade dos estudantes. Moll (2012) ressalta que a educação integral deve ser pensada como política intersetorial, em que diferentes instituições colaboram para ampliar os espaços de aprendizagem.

Além disso, é necessário repensar o espaço escolar como ambiente de convivência e criação. Não se trata apenas de reorganizar fisicamente os ambientes, mas de promover uma cultura escolar que valorize a diversidade de experiências. Arroyo (2012) afirma que os espaços educativos devem ser vistos como lugares de construção de identidades e de valorização das culturas juvenis, o que exige sensibilidade

pedagógica e abertura para práticas inovadoras. Nesse sentido, o espaço escolar na educação integral deve ser entendido como território vivo, capaz de articular diferentes dimensões da vida dos estudantes.

Por fim, é importante reconhecer que a transformação do espaço escolar depende de políticas públicas consistentes e de investimentos adequados. Sem apoio governamental e sem o envolvimento da comunidade, a proposta corre o risco de se tornar apenas um discurso. A escola precisa ser fortalecida como espaço plural, democrático e inclusivo, capaz de acolher e potencializar as múltiplas dimensões da formação integral.

Outro desafio que merece destaque é a necessidade de superar a visão tradicional de espaço escolar como ambiente disciplinador e hierárquico. A educação integral propõe que os espaços sejam flexíveis, acolhedores e capazes de estimular a autonomia dos estudantes. Como defendem Gadotti (2009) e Arroyo (2012), a escola deve ser vista como espaço de vida, onde os sujeitos possam experimentar, criar e se relacionar de forma significativa. Essa mudança de perspectiva exige não apenas reformas físicas, mas também uma transformação cultural dentro das instituições.

Além disso, a concepção de espaço escolar na educação integral deve dialogar com a ideia de cidade educadora, em que diferentes espaços urbanos, praças, parques, centros culturais, bibliotecas públicas, são reconhecidos como ambientes de aprendizagem. Essa abordagem amplia a noção de escola e fortalece a integração entre educação formal e não formal. Como afirma Gadotti (2009), a cidade educadora é um convite para que a escola se abra ao mundo e reconheça que a formação integral acontece em múltiplos lugares, e não apenas dentro de seus muros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos desafios da educação integral evidencia que tempo e espaço escolar não podem ser compreendidos apenas como dimensões administrativas, mas como elementos pedagógicos fundamentais para a formação plena dos estudantes. O tempo, quando ampliado de forma qualitativa, possibilita experiências diversificadas que vão além da sala de aula tradicional, favorecendo aprendizagens significativas e conectadas à realidade social. Já o espaço, quando ressignificado, transforma-se em território vivo de convivência, criação e experimentação, capaz de integrar saberes formais e informais e de aproximar a escola da comunidade.

Contudo, a implementação dessa proposta exige superar obstáculos estruturais e culturais. A falta de infraestrutura adequada, a escassez de recursos financeiros e a resistência de parte da comunidade escolar revelam que a educação integral ainda enfrenta barreiras para se consolidar como política pública efetiva. Como destacam Moll (2012) e Arroyo (2012), é necessário que gestores, professores e famílias compreendam que a integralidade não se resume a mais horas na escola, mas a uma nova concepção de ensino que valoriza a diversidade de experiências e a formação cidadã.

Portanto, entre o tempo e o espaço escolar, a educação integral se apresenta como oportunidade de repensar a função social da escola e de construir práticas pedagógicas mais inclusivas, democráticas e transformadoras. O desafio está em equilibrar a ampliação da jornada com a qualidade das atividades propostas e em transformar os espaços escolares em ambientes que acolham e potencializem as múltiplas dimensões da vida dos estudantes. Somente assim será possível cumprir o papel de formar cidadãos críticos, participativos e preparados para os múltiplos aspectos da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2012. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/arroyo-miguel-gonzalez-oficio-de-mestre-pdf-d4pqx9j6j9np> Acesso em: 12 mar. 2026.
- CAVALIERE, Ana Maria Villela. *Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira?* Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7mXJ9tJmYwL7F7g7m7tYf7h/?lang=pt> . Acesso em: 12 mar. 2026.
- COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; JEFFREY, Débora Cristina; MACIEL, Antônio Carlos. *A educação integral como objeto de estudo: mais que um tempo... além dos espaços*. Santarém: UFOPA, 2018. Disponível em: http://www.ufopa.edu.br/media/file/site/sib/documentos/2019/3/ebook_educacao_integral.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026.
- GADOTTI, Moacir. *Educação integral no Brasil: inovações em processo*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/3079> . Acesso em: 12 mar. 2026.
- MOLL, Jaqueline (Org.). *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=978-85-658-7913-6 . Acesso em: 12 mar. 2026.
- SILVA, Clebson Gomes da; PINHO, Maria José; SANTOS, Joana D’Arc Alves. *Tempo e espaço na escola de tempo integral: da escola do acolhimento à escola do conhecimento*. Cadernos de Pesquisa em Educação, n. 48, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22535/cpe.v0i48.21408> . Acesso em: 12 mar. 2026.
- SPAOLONZI QUEIROZ, Ana Elisa; FERREIRA DA SILVA, Celso Mendes. *Educação integral, tempo e espaço: problematizando conceitos*. Educação: Teoria e Prática, v. 27, n. 56, p. 542-561, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol27.n56.p542-561> . Acesso em: 12 mar. 2026.